

Demolição de barracos para o Metrô passar

Moradores do Parque Boca da Mata, em Taguatinga Sul, reclamam, mas assistem sem resistir à derrubada de suas casas

Rogério Dy La Fuente
Da equipe do Correio

Fato inédito: uma derrubada de barracos em Taguatinga sem resistência dos invasores e sem políticos para acirrar os ânimos. Quinze barracos que ficavam debaixo do pontilhão do Metrô, em Taguatinga Sul, na área do Parque Boca da Mata, foram removidos em menos de duas horas, na manhã de ontem. A demolição decorre da retomada das obras do Metrô. Participaram da operação homens do Serviço de Vigilância do Solo (Siv-Solo), do Instituto de Estudos do Meio Ambiente (Iema), da Delegacia do Meio Ambiente (Dema) e da Administração Regional de Taguatinga.

O trabalho de demolição de barracos deve continuar nos próximos dois dias, porque parte dos moradores estava no local há mais de 20 anos, na condição de posseiros, em três pequenas chácaras. Essas pessoas conseguiram negociar com o chefe da fiscalização rural da Administração de Taguatinga, Wagner Martins, a saída do local até amanhã.

DERRUBADA

Eram 10h30 quando os dois tratores, do tipo pás-mecânicos, puseram abaixos, sem encontrar qualquer dificuldade, as estruturas de madeirite que abrigavam aproximadamente 30 famílias. "Não sei para onde eu vou. Comprei esse barraco por R\$ 150 há

oito meses. Estão tratando a gente que nem cachorro. Era só avisar que nós saímos", contou, quase chorando, Domingas da Silva, empregada doméstica, 40 anos, que morava na invasão, com oito filhos, em um barraco de 15 metros quadrados,

Domingas estava no trabalho, em Taguatinga Norte, quando foi avisada por uma das filhas que seu barraco seria demolido. As demais filhas e filhos reuniram todos os utensílios domésticos que conseguiram. Quando ela chegou ao local, faltava pegar o fogão de quatro bocas, que acabou sendo amassado pelo trator. "O botijão e o fogão o governo vai ter de me pagar. Não quero nem saber!", reclamou.

DESESPERO

Ninguém avisou que a gente devia sair daqui hoje. Sabemos que isso aqui é invasão, mas podiam me dar uns dois ou três dias pra providenciar minha saída", disse Desuítá Cardoso Vieira Guimarães, moradora da invasão há três anos, antes de saber que foi firmado o acordo que lhe permitiu ficar por mais duas noites no barraco em que está há três anos. Os fiscais cederam ao argumento apresentado por ela. "Tenho uma filha de 18 anos que é deficiente mental. Ela está na aula no Centro Especial. A menina vai voltar pra cá e ver a casa dela derrubada. Ela não vai suportar o baque e terá uma crise", gritava, descontrolada.

DEFESA

Os políticos com mandatos não estavam presentes à ação de derru-

Wanderlei Pozzembom



Sob o viaduto do Metrô, as trinta famílias que viviam na invasão tiveram de correr para salvar seus pertences da passagem dos tratores do governo

Nicomedes Santos é o "senhorio" de Desuítá. Dizendo-se morador da Chácara Santa Luzia há 23 anos, ele cedeu terreno onde fica o barraco em que ela mora com a filha. Mecânico aposentado, Nicomedes tem como principal atividade, atualmente, a criação de galos-de-briga. Ele é, também, juiz nas rinhas em que vende seus bichos. "Cheguei aqui em 1973. Já tenho o usucapião dessa terra. Alguém tem de me indenizar. Nunca fiz nada de errado", avaliou. Somente na área de Nicomedes moram oito famílias.

"Como sempre, o governo trata diferenciadamente os pobres e os miseráveis. Os miseráveis saíram imediatamente, têm os barracos derrubados. Já os que têm como se virar ganham o privilégio de permanecer por mais tempo. O que é que se produz nessa chácara? Barracos?", questionou.

Além da chácara de Nicomedes, o terreno ao lado, que abriga um Centro Espírita, também ficou intocado. "Acho que o pessoal pensou

bada de barracos, mas outros ativistas saíram em defesa dos moradores da invasão do Metrô. Entre eles, Francisco Piauí, presidente do Sindicato dos Inquilinos do Distrito Federal.

Já a carvoaria que fica vizinha aos dois terrenos não escapou: fica por mais dois dias no local, mas ganhou uma multa do Iema por estar instalada em local indevido.

"Além de crime ambiental, eles estão pondo em risco a vida dos funcionários da própria carvoaria e da população de toda Taguatinga", avaliou José Mendes Silva, chefe do Distrito Ambiental da cidade. A carvoaria fica exatamente debaixo dos fios de alta tensão da CEB (Companhia Energética de Brasília).

Presentes à derrubada de barra-

cos, por se tratar de uma ocupação em área de preservação ambiental, os fiscais do Iema e da Delegacia do Meio Ambiente acabaram fazendo outra operação. Apreenderam uma pá-mecânica e três caminhões-caçamba que estavam retirando cascalho e terra da área próxima à invasão.

"Foi uma grande sorte nossa, para azar deles. Habitualmente, esse tipo de trabalho que eles estavam fazendo é realizado à noite. Eles não contavam com o surgimento da fiscalização tão cedo", disse o delegado Valmir Alves de Carvalho, titular da Dema. Na ação foi preso Róben Bernardino da Silva, dono de um dos caminhões.